

O sentido do sentir: ressignificando o repertório de estudantes recém ingressos no CAU através de instalações sensoriais

The sense of feeling: reframing the repertoire of students newly admitted in the CAU through sensorial installations

El sentido del sentir: ressignificando el repertorio de estudiantes recién ingresados en el CAU a través de instalaciones sensoriales

SOUZA, Natalya Cristina de Lima

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, natalyalimasouza@gmail.com

ELALI, Gleice Azambuja

Profa. Dra. Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, gleiceae@gmail.com

RESUMO

Na contemporaneidade a ressignificação do *background* estudantil é um dos desafios do início dos Cursos de Arquitetura e Urbanismo (CAU). Este artigo apresenta a experiência do Trabalho Integrado (TI) do primeiro semestre do CAU-UFRN/Brasil, conduzido pela disciplina Espaço e Forma 01. Ele trata da elaboração, em escala real, de instalações sensoriais de caráter efêmero, entendidas como meio para integrar as habilidades criativas dos estudantes à sua percepção sensível e à releitura da realidade onde se insere. Além de contextualizar a disciplina e o exercício proposto, o texto apresenta aspectos gerais que caracterizam as seis edições da atividade. Os resultados mostram que a maioria dos recém ingressos se aproximou do primeiro exercício projetual a partir da retratação de situações do seu cotidiano ou do resgate de momentos do passado coletivo, em um processo de autoconscientização sobre o papel social do projetista.

PALAVRAS-CHAVES: percepção, ressignificação, background, instalações sensoriais.

ABSTRACT

At the present time the reframing of the student background is one of the challenges of the beginning of the Architecture and Urbanism Course (AUC). This paper presents the experience of the Integrated Project (IP) of the first semester of CAU-UFRN/Brazil, conducted by the discipline 'Space and Shape 01'. It refers to the elaboration, in full-scale, ephemeral sensorial installations, understood as a means to integrate creative skills of students to their sensitive perception and to the (re)reading of the reality where they are inserted. In addition to contextualizing the discipline and the proposed exercise, the paper presents general aspects that characterize the six editions of the activity. The results show that most of the newly admitted approached the first design exercise by retracting situations from their daily life or by retrieving moments from the collective past, in a process of self-conscious about the social role of the designer.

KEY WORDS: perception, reframing, background, sensory installations.

RESUMEN

En la contemporaneidad la resignificación del background estudiantil es uno de los desafíos del inicio de los Cursos de Arquitectura y Urbanismo (CAU). Este artículo presenta la experiencia del Trabajo Integrado del



PROJETAR
GRUPO DE PESQUISA EM
PROJETO DE ARQUITETURA
E PERCEPÇÃO DO
AMBIENTE



primero semestre del CAU-UFRN/Brasil, conducido por la disciplina Espacio y Forma 01. Se trata de la elaboración a escala real de instalaciones sensoriales de carácter efímero, entendidas como medio para integrar las habilidades creativas del estudiante y de su percepción sensible y a la (re)lectura de la realidad donde se inserta. Además de contextualizar la disciplina y el ejercicio propuesto, el texto presenta aspectos generales que caracterizan las seis ediciones de la actividad. Los resultados muestran que la mayoría de los recién ingresados se acercó al primer ejercicio proyectual a partir de la retractación de situaciones de su cotidiano o del rescate de momentos del pasado colectivo, em um processo de auto-conscientização sobre el papel social del proyectista.

PALABRAS CLAVE: percepción, resignificación, background, instalaciones sensoriales.

1 INTRODUÇÃO

Desde o século XX as questões de ensinabilidade (ou não) do projeto estão em discussão em Cursos de graduação em Arquitetura e Urbanismo (CAU) e em eventos na área. Dentre as dificuldades nesse campo Chupin (2003) e Marques (2010) apontam: i) pouca compreensão do problema e dos processos envolvidos no projeto pelos estudantes; ii) pouco conhecimento do “background” dos recém ingressos no curso pelos docentes; iii) dependência na relação docente-discente para tomada de decisões.

Para enfrentar tais questões Carvalho (2015) indica ser essencial que as primeiras disciplinas de projeto arquitetônico adotem metodologias que possibilitem a ressignificação do repertório estudantil, promovendo a transição da visão de leigo para a de projetista. Para tanto um dos caminhos é explorar ferramentas que ampliem a compreensão da bi e tridimensionalidade, e possibilitem a expansão da percepção do estudante. Isso pode ser favorecido pela execução de modelos experimentais, pois a manipulação de materiais viabiliza que o iniciante explore “espacialidades, materialidades e técnicas construtivas e possa aferir o resultado na vivência real” (CRUZ PINTO, 2007, p. 32), teste conhecimentos teórico-experimentais e desenvolva seu senso crítico (FERNANDÉS-SAIZ, 2017).

Com base nessa argumentação, desde 2016 é desenvolvido um Trabalho Integrado (TI) no primeiro período do CAU-UFRN, para o qual colaboram todas as disciplinas do semestre (projeto, representação/linguagem, história/teoria e inter-áreas). O exercício corresponde à elaboração, em escala real, de instalações sensoriais de caráter efêmero, visando integrar os domínios da imaginação criativa e da realidade sensível e estimular a busca ativa por conhecimento. A atividade inicia o processo de ressignificação do *background* dos estudantes, pressupondo que a valorização de ‘saberes’ já acumulados facilita a aquisição de novas informações, auxiliando a formação do repertório projetual do futuro arquiteto-urbanista.



Para apresentar a experiência esse artigo contextualiza brevemente as instalações enquanto movimento artístico (item 2), descreve a disciplina de Espaço e Forma 1 – EF1 e comenta o desenvolvimento do TI (item 3). Ao final são analisadas as seis primeiras edições do TI, ocorridas entre 2016.1 e 2019.1 e acompanhadas pelas autoras (item 4).

2 SOBRE INSTALAÇÕES

As instalações têm origem nos movimentos artísticos do final do século XIX e início do XX (dadaísmo, surrealismo, minimalismo, arte pop e arte conceitual), hoje representados pelas intervenções urbanas (COCHIARALE, 2002; GRAHAM-DIXON, 2012). Na época, a crescente consciência dos artistas sobre a multidimensionalidade do trabalho artístico aproximou a pintura da escultura e sobre o papel do espaço envolvente no usufruto da arte fez com que o espaço arquitetônico fosse gradativamente valorizado (BARJA, 2002; PALLAMIN, 2002). Porém só na década de 1960 o termo foi disseminado e as instalações (*krafts*) passaram a ser consideradas manifestações artísticas (FUREGATTI, 2007).

Enquanto obra artística a instalação envolve as pessoas que dela usufruem, proporcionando-lhes a experiência de interação entre seu corpo e os elementos presentes, os quais provocam sensações (táteis, térmicas, olfativas, auditivas, visuais, cinestésicas, que podem ser reais ou ilusórias, prazerosas ou incômodas) e influenciam sua percepção. A meta da obra é fazer o observador refletir e tirar suas próprias conclusões sobre a vivência (DEMPSEY, 2003; PALLAMIN, 2002).

Como um espelho da contemporaneidade, a instalação tem caráter experimental e não permite rotulação única, sendo caracterizada por: i) apropriar-se do espaço circundante; ii) ter caráter efêmero (só existe durante a exposição e/ou é desmontável/remontável); iii) combinar suportes e linguagens (desenho, escultura, luz, cor, som, vídeo, fotografia, dança, computação gráfica); iv) provocar a produção de significados, despertando o olhar crítico do observador. Assim, seu público não é formado por ‘espectadores externos’ e sim por ‘participantes ativos’, que precisam percorrer o espaço para contemplar e interagir com o trabalho (DEMPSEY, 2003; GRAHAM-DIXON, 2012).

Por serem obras inacabadas, em processo de destruição/reconstrução, as instalações são especialmente adequadas ao início de CAUs, pois sua elaboração enriquece o processo de ensino/aprendizagem na medida em que, simultaneamente e em tempo reduzido: i) estimula a criatividade dos estudantes; ii) os alça à condição de protagonistas na produção do espaço; iii) os torna observadores dos efeitos de suas decisões sobre os visitantes.



3 O TRABALHO INTEGRADO E A DISCIPLINA DE ESPAÇO E FORMA 01

O modelo de Trabalho Integrado (TI) é uma estratégia curricular vigente no CAU-UFRN desde a década de 1990, hoje em sua terceira versão – o currículo A-5 (<http://darq.ufrn.br/graduacao/>). O TI acontece em todos os semestres letivos e no mínimo em uma unidade, propiciando a interpenetrabilidade dos conteúdos e avaliações das disciplinas. O TI do primeiro período (TI-1P) foi proposto durante a discussão do Projeto Político Pedagógico (PPP) do curso em 2006, começou a ser testado em 2012 e assumiu o formato atual em 2016, capitaneado pela disciplina EF1.

Oferecida no primeiro semestre do curso, EF1 apresenta aos estudantes noções básicas do exercício criativo e contribui para a formação de cultura arquitetônica. Sua carga horária é 60 horas/aula (4 créditos), com encontros semanais de 3:30 horas ministrados por uma professora, com auxílio de estagiário docente (estudante da pós-graduação) ou monitor (graduação). A ementa prevê que os estudantes percebam a dinâmica de transformação do espaço e adquiram noções de escala e estética por meio da realização de exercícios de modelagem e representação gráfica. O conteúdo é dividido em duas fases: exercícios presenciais (fase 1) e TI (fase 2).

São delimitadas oito semanas para o TI-1P, desenvolvido nas etapas concepção da proposta e montagem/exposição da instalação. O trabalho é realizado em grupos de 3 a 6 membros, resultando em 3 a 5 instalações por edição. As equipes são estimuladas a explorar no mínimo 2 sentidos humanos e a usar materiais diversos, sobretudo reciclados. As instalações podem ocupar qualquer lugar do átrio do prédio dos laboratórios de arquitetura da UFRN, e têm área útil entre 4m² e 6m².

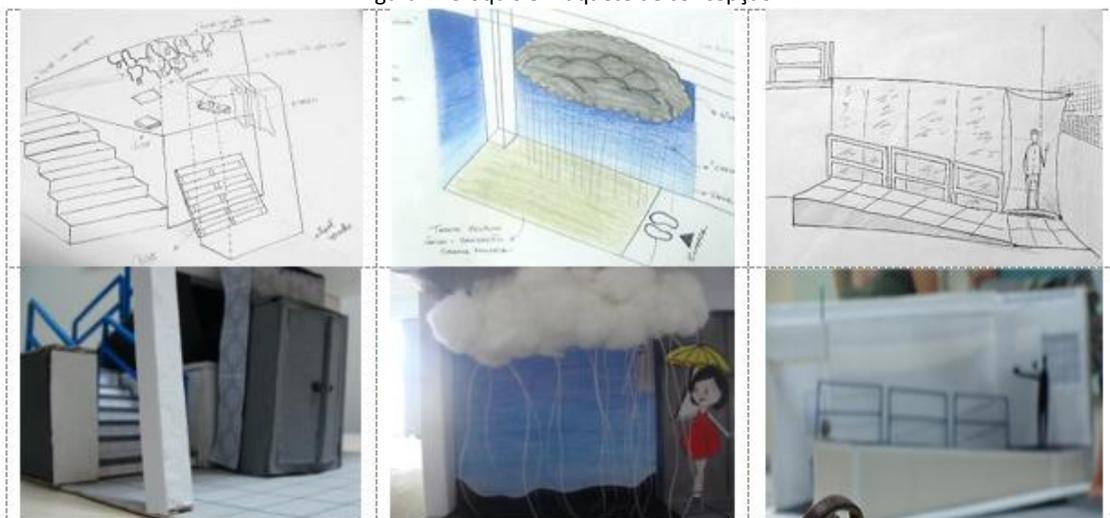
Concepção da proposta

Quatro aulas são destinadas à concepção da instalação, iniciada pelo esclarecimento da proposta e apresentação de referências relativas a aspectos sensíveis da arquitetura. Nas duas semanas seguintes as aulas acontecem no local da intervenção, e possibilitam a concepção e dimensionamento da proposta. Nas orientações a professora questiona os grupos sobre as abordagens e os materiais escolhidos, promovendo reflexões sobre o produto. Para elucidar dúvidas e reduzir incertezas, os estudantes fazem croquis e desenvolvem a maquete física de concepção (1:10), o que envolve as noções de escala e espacialidade, devendo prever estratégias de circulação,

estrutura e iluminação, e representar os materiais pretendidos. A figura humana é fundamental neste processo, sendo o corpo dos estudantes utilizado como base para o dimensionamento.

A apresentação da maquete e dos croquis da equipe (Figura 1) encerra a etapa de concepção e direciona para a tomada de decisões construtivas. As outras disciplinas podem pedir produtos complementares, como desenhos artísticos e técnicos. A avaliação é integrada, com participação de todos os professores, que questionam detalhes e modos de exploração dos sentidos, e sugerem mudanças para viabilizar a execução.

Figura 1: Croquis e maquete de concepção



Fonte: Acervo das autoras, 2016; 2019.

Montagem e exposição da instalação

A preparação da exposição é feita nas semanas seguintes, usando a aula para pesquisar/adquirir materiais ou preparar detalhes. Os professores acompanham a atividade e esclarecerem dificuldades de percepção e representação bi e tridimensional. Como cada grupo pesquisa itens de apoio a suas ideias, há grande diversidade de componentes estruturais e de fechamento.

A montagem/exposição/desmontagem acontece na última semana. A montagem ocupa os dois dias iniciais. A abertura da exposição acontece à noite, para maximizar os efeitos de iluminação. Nela os grupos apresentam a “maquete escala 1:1”, entregam o memorial descritivo (descrição do processo e da intenção da proposta) e o material gráfico. Como primeiros convidados, professores e colegas experienciam/exploram as instalações. A exposição é aberta a outros visitantes no restante da semana. A desmontagem é feita na sexta-feira. Cada grupo é responsável pela limpeza e descarte dos

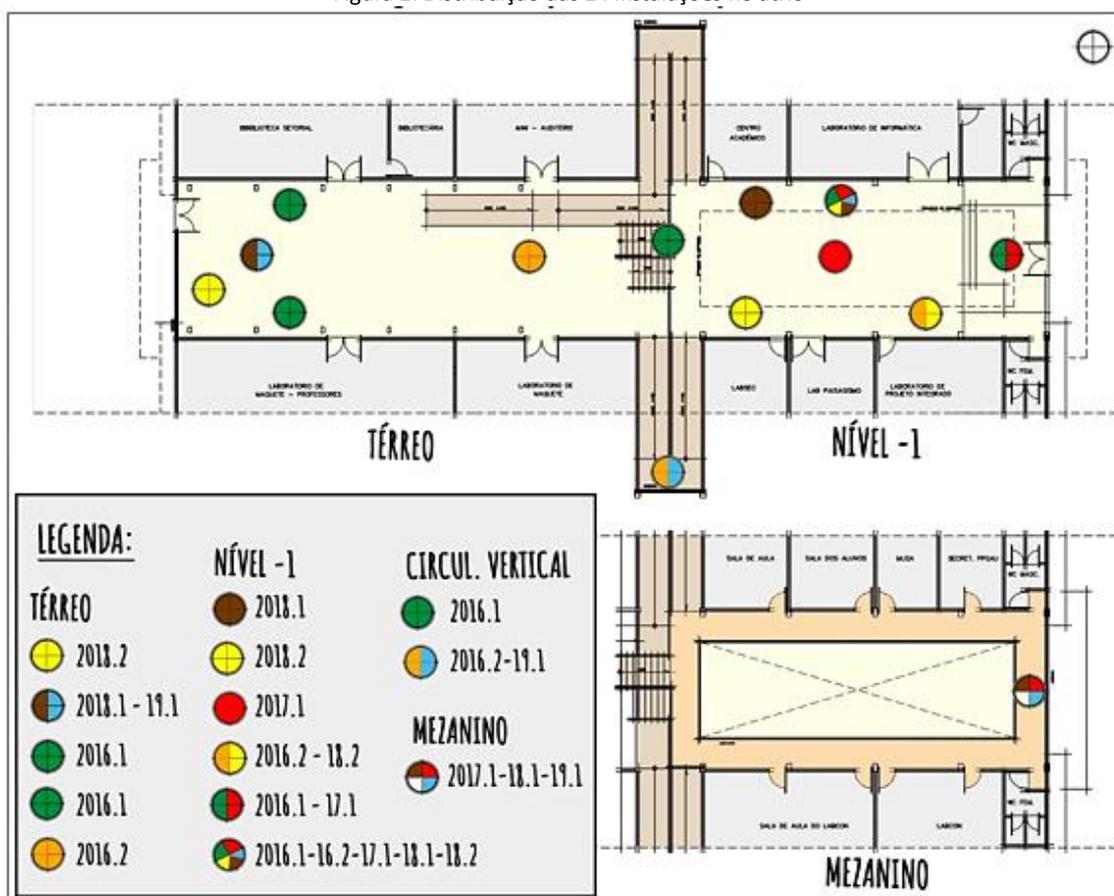
materiais. Na semana subsequente acontece uma roda de conversa entre os professores e a turma, para balanço geral da experiência.

4 RESULTADOS

O TI integra as disciplinas do semestre, divulga seus produtos, promove o trabalho em grupos e auxilia os “calouros” a entenderem o projeto como um processo de investigação conectado a várias temáticas e que influencia o lugar onde está inserido.

Em seis semestres, 24 instalações sensoriais foram acompanhadas pelas autoras. Sua distribuição espacial (Figura 2) demonstra a exploração de vários setores do átrio do laboratório de arquitetura do CAU-UFRN, um espaço em 3 níveis e com diversos pés-direitos. Em geral os estudantes articulam suas propostas a locais de circulação e convívio, se valendo dos elementos do espaço para planejar a intervenção.

Figura 2: Distribuição das 24 instalações no átrio



Fonte: Produzido pelas autoras, 2019.

Metade (12) dos trabalhos se concentrou no nível inferior do átrio (-1), devido ao menor pé-direito sob a laje do mezanino, que facilita o fechamento de um plano vertical paralelo a parede e o controle da iluminação (pois já existe 'cobertura'). Apenas uma instalação locada nesse nível não adotou tal estratégia, e recorreu a uma trama de barbantes para delimitar o espaço.

No térreo o pé-direito é duplo. Os 6 grupos que fizeram estruturas enclausuradas escolheram esse local e adotaram formas autoportantes (hexágono, cilindro, cone) para suportar o plano superior. Apenas 3 trabalhos foram implantados nas áreas de circulação vertical (2 em patamar da rampa e 1 no vão sob a escada), aproveitando o formato desses espaços. Na circulação do mezanino, a área posterior foi usada por 3 grupos, que ocuparam o espaço próximo aos cobogós de fechamento.

Temáticas e sentidos

Em termos temáticos verificou-se tendência a promover percepções específicas, ligadas a: uso dos receptores sensoriais (olhos, pele, ouvidos, nariz e boca, nessa ordem); reações psicológicas (relativas às dicotomias sombrio/luminoso, prazer/desprazer, medo/atração, monotonia/surpresa). Sob o ponto de vista do significado os trabalhos foram agrupados em: ciclo de vida; urbanização; comportamento sócio espacial; relações saúde-doença; violência/medo.

Em 2 trabalhos sobre o ciclo vital, os grupos criaram múltiplos ambientes sequenciais para retratar fases (Figura 3): um explorou a fotografia em quatro etapas (infância, adolescência, vida adulta e velhice) questionando a memória dos participantes; outro apresentou atmosferas (do 'útero' à 'morte') para refletir sobre o aproveitamento do tempo durante a vida. Para estimular a memória, em ambas exposições foi inserido um cheiro e iluminação para cada etapa (a fim de despertar imagens inconscientes) e usados objetos com cores e texturas diferentes (apelo a aspectos visuais e táteis).

Figura 3: Trabalhos sobre ciclo vital



Fonte: Acervo das autoras, 2016; 2018.

Sobre a urbanização, 3 grupos retrataram problemas da vida na cidade (Figura 4), como consumismo, desmatamento, poluição e trânsito, para acentuar o desconforto de ambientes caóticos.

Contribuíram para aflorar os sentidos composições visuais (como ilusão de ótica e mudança de luminosidade) e o uso de sons urbano. Um dos grupos usou a noção de escala para aproximar o usuário das questões do cotidiano e diminuí-lo diante do universo. Já a instalação sobre o desmatamento, indicou duas relações com a natureza: uma ligada ao que ela oferece (frutas que estimulam o paladar; trinado dos pássaros ligados à audição) e outra que revela a ação negativa humana (acúmulo de lixo, proliferação de animais nocivos e mal cheiro).

Figura 4: Trabalhos sobre urbanização



Fonte: Acervo das autoras, 2016; 2018.

O comportamento sócio espacial foi explorado em 7 instalações (Figura 5) que permitiam aos usuários modificar o espaço ou serem vistos quando o estivessem explorando. Em 2 exposições, o participante tinha contato direto com quem estava a sua volta através de uma janela que aproximava o exterior (*voyeurs*) do que acontecia dentro. Outros 2 provocaram constrangimento em quem se preocupava em desviar do que estava espalhado no chão. Para discutir diversidade, 3 equipes possibilitaram a cada usuário caracterizar a si ou a um manequim disponível (trocar roupas, peruca, adereços), estimulando o próximo visitante a também fazer mudanças.

Figura 5: Trabalhos sobre comportamento sócio espacial



Fonte: Acervo das autoras, 2016; 2018; 2019.

A relação saúde-doença foi trabalhada em 5 instalações (Figura 6), que abordaram o cuidado com o corpo e mente ou incentivaram o usuário a se pôr no lugar de alguém com problemas/transtornos de saúde. Assim, 2 instalações propuseram a exploração de um percurso com áudio controlado e que retratava realidades não familiares ao participante. Outros 3 trabalhos incentivaram o relaxamento,

destacando a necessidade/importância do descanso físico e psicológico, pelo uso de colchões, aromas terapêuticos e controle da iluminação e sons.

Figura 6: Trabalhos sobre relação saúde-doença



Fonte: Acervo das autoras, 2016; 2017.

A violência e o medo foram os assuntos mais tratados (7 trabalhos). Em geral eram ambientes escuros, para provocar desconforto ao usuário e necessidade de afastar-se da situação, embora exigindo que prestassem atenção aos elementos e objetos presentes (Figura 7). Dentre os assuntos expostos estão violência urbana, incêndio, catástrofes naturais, guerras ou, ainda, eventos do passado (como holocausto e ditadura).

Figura 7: Trabalhos sobre violência e medo



Fonte: Acervo das autoras, 2016; 2017; 2018.

Materiais e técnicas

Como trata-se de exposição temporária, há incentivo ao uso de materiais recicláveis, devido ao seu baixo impacto ambiental e econômico, o que tem possibilitado grande variedade de arranjos. Os componentes mais usados na estrutura básica são descarte de obras (ripas/caibros e painéis de madeira), seguidos por tecidos tensionados (malha e “TNT”). Outros elementos reciclados utilizados foram: estantes metálicas sem prateleiras (usadas como estrutura), caixas de papelão (estrutura ou fechamento), canos de papel de impressão (estrutura), corpos de fita adesiva (parede vasada) e blocos de isopor (fechamento).

Algumas instalações foram consideradas diferenciadas, por serem autoportantes ou inusitadas: um grupo confeccionou um hexágono com cabos de vassoura e vedações em papelão; outro usou a

forma cilíndrica para elaborar o tronco de uma árvore com função de portal; uma estrutura em tronco de cone foi feita com tecido tensionado amarrado na treliça da cobertura; um guarda-roupa sem fechamento traseiro foi usado como porta de entrada de um 'esconderijo'.

Quando os trabalhos propõem alguma transição (de tempo ou espaço), suas etapas são marcadas verticalmente (com cortinas de tecido, papel ou material reciclado) e/ou no piso (brita, areia, folhas de árvore, tapetes). Em um uso inesperado dos elementos existentes no átrio, um grupo utilizou as folhas do portão posterior para fazer a transição entre espaços internos da instalação, planejada de modo a aproveitar sua rotação.

Arquitetonicamente, as instalações costumam corresponder a espaços fechados (cerca de 92% delas) e controláveis. Embora se verifiquem dificuldades em sua execução e acabamento (previsível em turmas iniciantes e contornado pelos docentes ao sugerirem soluções com execução menos exigente), as propostas conseguem bom nível de finalização. Esteticamente seu exterior costuma explorar motivos simples, com composições aglomeradas (feitas com caixas de papelão ou blocos de isopor reciclados) e painéis (lisos ou com efeitos de ilusão de ótica provocados por composições que combinam triângulos, retângulos ou grafismos diversos) - (Figura 8).

Figura 8: Representações do exterior



Fonte: Acervo das autoras, 2016; 2017; 2018.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das temáticas abordadas e das estratégias projetuais utilizadas nas instalações no TI-1P, mostra que a maioria dos estudantes recém-ingressos se aproximou do seu primeiro exercício projetual a partir da retratação de situações cotidianas ou do resgate de momentos do passado coletivo cuja temática (estudada no ensino médio) permanece entre os saberes por eles acumulados.

Assim, no CAU-UFRN, o resgate de tais temas, sua tradução em sensações e a representação de conceitos através de estruturas executadas em escala 1:1 (mas sem as exigências construtivas de uma obra) estimula a atividade prática do alunado, alerta para a sustentabilidade ambiental (ampliada

pelo uso de materiais reciclados e pela busca de novos usos para objetos comuns do dia a dia), incita sua imaginação criativa, promove a busca ativa por conhecimento, possibilita que os estudantes se auto conscientizem sobre pontos a serem melhor estudados posteriormente (como programação arquitetônica, tectônica, materialidade e exequibilidade/construtibilidade do objeto arquitetônico), e promove a ressignificação do background dos estudantes e a gradual consolidação do repertório do projetista em formação.

6 AGRADECIMENTOS

Ao CNPq pela bolsa de mestrado da primeira autora e pela bolsa de produtividade da segunda. Aos estudantes do CAU-UFRN, que semestralmente aceitam o desafio de propor e executar instalações.

7 REFERÊNCIAS

BARJA, W. Intervenção/terinvenção - A arte de inventar e intervir diretamente sobre o urbano, suas categorias e o impacto no cotidiano. *Rizoma*, 2002, s/p. Disponível em: < <https://issuu.com/rizoma.net/docs/artefato> >. Acesso em: 21 mai. 2019.

CARVALHO, G. *A iniciação em projeto de arquitetura: um estudo com docentes e discentes em três escolas no Brasil e uma em Portugal*. Tese (Doutorado). PPGAU/UFRN, 2015.

CHUPIN, J. P. A. As três lógicas analógicas do Projeto. In: LARA, F.; MARQUES, S. (Orgs.). *Projetar - Desafios e Conquistas da Pesquisa e do Ensino*. Rio de Janeiro: EVC, 2003.

COCHIARALE, F. *A (outra) arte contemporânea brasileira: intervenções urbanas micropolíticas*. *Rizoma* (revista eletrônica), 2002. Disponível em: < <https://issuu.com/rizoma.net/docs/artefato> >. Acesso em: 21 mai. 2019.

CRUZ PINTO, J. *Processos e Metodologias de Projecto*. Lisboa: Coleção Didáctica, Centro Editorial da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2007.

DEMPSEY, A. *Estilos, escolas e movimentos: Guia enciclopédico da arte moderna*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 247.

FERNANDÉS-SAIZ, M. La dimensión técnica de la arquitectura. Experiencias 1 en 1. In: VIII SEMINÁRIO INTERNACIONAL PROJETER, 2017, *La experimentación proyectual: Actas* Buenos Aires. 2017. p. 264-276.

FUREGATTI, S. *Arte e meio urbano - elementos de formação da estética extramuros no Brasil*. Tese (Doutorado). FAU/USP, 2007.

GRAHAM-DIXON, A. *Arte, o guia visual definitivo*. São Paulo: Publifolha, 2012.

MARQUES, R. *A relação professor-aluno e a afirmação do discente como sujeito do processo projetual: um estudo exploratório sobre a produção do Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo na UFC e na UFRN*. Dissertação (Mestrado). PPGAU/UFRN, 2010.

PALLAMIN, V. M. (Org.). *Cidade e cultura: esfera pública e transformação urbana*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.